



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

---

### III REUNIÃO PRESIDENCIAL DO MECANISMO PERMANENTE DE CONSULTA E CONCERTAÇÃO POLÍTICA

Ica, Peru  
11 de outubro

---

A integração dos governos visa à modernização, eficiência e competitividade das nações que fazem parte de um contexto regional.

---

*7 de outubro — Os EUA consideram encerrado o conflito, iniciado em 1985, com as restrições do Brasil às importações de micro-computadores e de tecnologia da informática, ficando suspensas as ameaças de retaliações às exportações brasileiras para os EUA. Segundo o Secretário-Geral do Itamaraty, Paulo Tarso Flecha de Lima, foi uma importante vitória da capacidade negociadora brasileira.*

*10 de outubro — A Procuradoria-Geral da República deve entrar com uma ação cautelar na Justiça Federal, pedindo a suspensão do leilão de privatização da MAFERSA — terceira maior fabricante de vagões do mundo, sob controle da União desde 1964 — previsto para esta quinta-feira e contestada pelo PT.*

*11 de outubro — O Presidente José Sarney e outros 6 dirigentes de democracias latino-americanas desembarcam em Ica, a 360km de Lima, para a mais tensa das reuniões já realizadas pelo chamado Grupo dos Oito, fórum permanente e informal de consultas multilaterais, composto por Brasil, Argentina, México, Colômbia, Uruguai, Peru e Venezuela.*

---

— *O Presidente Sarney propõe a reintegração de Cuba à Organização dos Estados Americanos, realfirma a necessidade da integração latino-americana e critica a ordem econômica internacional.*

**A**gradeço ao povo e ao governo do Peru a calorosa acolhida com que nos estão distinguindo, neste extraordinário país.

Aqui vicejou, muito antes do aparecimento do colonizador europeu, o gênio autóctone da América, cujo legado constitui para todos motivos de inspiração permanente.

Gostaria igualmente de saudar a presença, pela primeira vez neste Grupo, dos Presidentes Carlos Saúl Menem, Carlos Salinas de Gortari e Carlos Andrés Perez, cuja sabedoria, estou seguro, ampliará a dimensão deste foro de concertação e enriquecerá seu acervo de realizações.

Senhores Presidentes,

Há mais de dois anos, em Acapulco, estabelecíamos as linhas básicas deste mecanismo de entendimento e de concertação.

Em Punta del Este, aprofundamos reflexões sobre nossas realidades e ampliamos áreas de convergência. Assentamos as bases para a adoção de medidas em prol da integração, do desenvolvimento e do bem-estar de nossos povos.

Temos atuado coordenadamente em diversos foros regionais e internacionais. Em pouco tempo, nosso mecanismo tornou-se um fator relevante no cenário diplomático mundial.

Conseguimos dar novo alento ao processo de integração regional.

Até o final da próxima década, a América Latina terá mais de 400 milhões de habitantes — um notável mercado, com um PIB com mais de 1 trilhão de dólares. Temos diante de nós a tarefa histórica de transformar nossa região num espaço econômico integrado, de forma a habilitá-la a ingressar na era das economias de conjunto.

---

A integração deve ser obra solidária dos governos, dos agentes econômicos, de toda a sociedade. Um objetivo compartilhado que conduzirá à modernização, eficiência e competitividade da estrutura produtiva regional.

Para que isso ocorra, torna-se essencial assegurar, acima de tudo, a preservação dos valores democráticos em nossa região. Tive ocasião de ressaltar há poucos dias, ao abrir o debate geral da Assembléia Geral das Nações Unidas, o extraordinário vigor da democracia em nossa região. É, de fato, latino-americana a maior e mais vigorosa onda de democracia que o mundo conheceu no pós-guerra. Chegaremos ao final de 1989 com o Continente sul-americano totalmente democratizado.

A reconquista das instituições democráticas inspirou a criação do nosso Grupo, tornando-se o seu principal esteio. Foi uma tarefa árdua que demandou esforços extraordinários e grande mobilização de nossas sociedades.

É, pois, com apreensão que somos levados a contrastar os progressos verificados no plano institucional em nossa região com a indisfarçável deterioração dos padrões de vida de nossas populações. Estamos chegando ao final dos anos 80 vitimados porque apontam para o debilitamento econômico da América Latina.

Retrocedemos nesta década boa parte do caminho que, com sacrifício, tínhamos conseguido vencer. Nos anos 70, o PIB per capita de nossa região aumentou 40%. Em 1988, levando em conta o crescimento demográfico, registrou-se uma queda real de 7% em comparação aos níveis de 1980.

Isto é decididamente inaceitável.

Essa triste realidade foi causada basicamente pela brusca interrupção e pela inversão ilógica do fluxo de capitais externos.

A crise da dívida externa simboliza hoje o impasse a que chegaram as relações econômicas e financeiras internacionais. Sua persistência impede o nosso desenvolvimento e põe em risco a estabilidade regional. Confrontamo-nos com uma ordem econômica internacional que nos transformou em exportadores líquidos de capitais. Tornamo-nos agentes de um Plano Marshall às avessas. Estamos finan-

---

ciando, em última instância, o consumismo dos países desenvolvidos. Eis aí uma equação que não fecha, e cujas incógnitas precisam ser resolvidas a tempo de evitar uma verdadeira catástrofe que afetará o sistema internacional como um todo. Não seremos nós certamente as únicas vítimas.

Mas não residem apenas na questão da dívida as raízes de nossas dificuldades. A América Latina tem sido também excluída do processo de acelerada transformação científica e tecnológica que tomou conta do mundo nas últimas décadas.

O saber é um bem do patrimônio da humanidade. Sua aquisição integra o processo histórico universal. Não pode ser apropriado de forma exclusiva, transformado em mercadoria ou muito menos em instrumento de dominação.

A universalização do acesso aos frutos da ciência e da tecnologia constitui reivindicação de que não podemos abrir mão. Devemos inscrevê-la como meta altamente prioritária na nossa agenda.

Outra questão a que devemos dar tratamento prioritário é a da ecologia. Preocupam-nos cada vez mais as distorções com que este tema vem sendo debatido internacionalmente.

Nossos países não podem admitir limitações a seus esforços de desenvolvimento. A questão ambiental deve ser discutida sob uma perspectiva ampla e equilibrada. É inaceitável um conceito de desenvolvimento ecologicamente sustentável que atribua apenas aos países em desenvolvimento a tarefa de assegurar o equilíbrio ecológico do planeta. Na realidade, compete aos países industrializados histórica e presentemente a responsabilidade pelos danos causados ao meio ambiente global. A eles, portanto, a responsabilidade principal de criar condições para que esta questão seja encaminhada satisfatoriamente para todos.

A pior solução é aquela que nasce da pobreza. Não é justo que sejamos responsabilizados por danos ao ecossistema decorrentes de padrões de vida e de consumo que não estão e nunca estiveram ao alcance de nossas sociedades.

---

Em meu País encetamos nos últimos anos uma verdadeira cruzada para a proteção do meio ambiente. Estamos fiscalizando e penalizando severamente os que atentam contra a integridade de nossos ecossistemas. Esperamos, por outro lado, que certos setores dos países desenvolvidos renunciem às tentativas de transformar regiões carentes do planeta em depósitos de lixo tóxico. E que se disponham efetivamente a eliminar a maior ameaça ao ecossistema global ou à própria sobrevivência da humanidade: os arsenais de armas de destruição em massa.

Não poderia deixar de me referir muito especialmente a outro problema de grande atualidade em nossa agenda. Um problema que tem afetado a todos nós sem distinção e que vem atingindo de forma particularmente perversa um dos países representados no nosso Grupo. Refiro-me à questão dos entorpecentes.

Assistimos com profunda dor e grave preocupação aos recentes acontecimentos que enlutaram o povo colombiano.

Desejo reiterar enfaticamente o apoio do Brasil à luta que está sendo travada pelo Governo e pela sociedade colombiana contra o tráfico ilícito de drogas. O presidente Barco é credor de nosso profundo respeito, admiração e solidariedade pela coragem e desassombro de seu Governo.

A próxima reunião deste mecanismo testemunhará a renovação completa dos seus integrantes originais. Esta será a última reunião de que participarei. Ao despedir-me, faço votos de que o trabalho pela integração, a cooperação na busca de soluções para os desafios comuns e a franqueza das deliberações sigam sendo a tônica do Grupo.

Temos sido exemplares na busca do fortalecimento da solidariedade, da cooperação e da integração internacional. A abordagem construtiva que estamos imprimindo à questão da dívida intralatino-americana, à complementação econômica e à expansão do comércio entre nossos países, à cooperação científica e tecnológica e à integração cultural entre nossos povos, constituem demonstração eloqüente de nossa capacidade de ação.

---

Este ano de 1989 é marcante na história da humanidade. Comemoram-se os 200 anos da Revolução Francesa; na América Latina, 100 anos de democracia na Costa Rica; no Brasil, festejamos 200 anos da revolta de Tiradentes, o mártir da nossa independência; a 15 de novembro, teremos eleições no Brasil e comemoraremos 100 anos da República.

Foi o primeiro gesto para integrar o Brasil à América Latina. Este associou o sonho da Independência à idéia da República. Nós éramos isolados, uma monarquia. Com a República do Brasil, toda a América do Sul tornou-se republicana.

Neste ano de tantos eventos, devemos reafirmar de forma definitiva o nosso sentimento de unidade.

De solidariedade.

Universalização da comunidade interamericana. Reincorporação de Cuba ao sistema da OEA. Avançar na solução das Malvinas. Acabar com todo o remanescente do colonialismo no continente.

A América do Sul não pode aceitar, no limiar do século XXI, resíduos anacrônicos de um tempo que já passou.

Unidos, seremos mais capazes do que isolados.

Solidários, venceremos as distâncias a que nos relegava a indiferença.

Juntos, transformaremos em realidade o sonho da grande pátria latino-americana.

Como disse Cesar Vallejo:

«Hay, hermanos, hombres humanos, muchísimo que hacer.»

Façamo-lo. Mãos à obra!